

A importância de uma história das fases gramaticais do português no Brasil Colônia

The importance of a history of the grammatical stages of Portuguese in Colonial Brazil

Lara da Silva Cardoso* 

Universidade Estadual de Feira de Santana, Novo Horizonte, BA, Brasil.
E-mail: laracardooso@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir a relevância de compreender a história das fases gramaticais do português no Brasil Colônia, a fim de ampliar os conhecimentos a respeito da dinâmica (multi)linguística do Brasil Colônia e, conseqüentemente, da formação do português brasileiro (PB). A partir das pautas de pesquisa propostas por Mattos e Silva (2008) para o estudo da formação da vertente prestigiada do PB, argumenta-se que a história dos estágios gramaticais do português no período colonial brasileiro deve ser feita em paralelo à história do português em Portugal, assumindo que os resultados dessa pesquisa tendem a contribuir para a história tanto do português europeu moderno (PE) quanto do PB. Para a construção da argumentação dessa proposta, são apresentados alguns fatores sócio-históricos (a *koineização* portuguesa, o contato linguístico e a participação da língua portuguesa nos processos sociolinguísticos

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editores convidados

Huda Santiago
Pedro Daniel Souza

Dossiê

Diálogos entre a
Sócio-História do
Português e a História
Social da Cultura Escrita

Recebido: 31/10/2022

Aceito: 27/07/2023

Como citar:

CARDOSO, Lara da
Silva. A importância de
uma história das fases
gramaticais do portu-
guês no Brasil Colônia.
Revista LaborHistórico, v.9,
n.2, e55308, 2023. doi:
[https://doi.org/10.24206/
lh.v9i2.55308](https://doi.org/10.24206/lh.v9i2.55308)

* Professora Assistente de Linguística/Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – *Campus Jequié*). Estudante de Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana. Integrante do Projeto CE-DOHS (*Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão). O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: laracardooso@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1149-2007>.

ocorridos no Brasil Colônia), linguísticos (a não linearidade das gramáticas portuguesas durante a colonização) e filológicos (a necessidade de levar em consideração a historicidade dos textos escritos). Por fim, são apresentadas algumas especificidades necessárias à constituição de *corpora* que leve em consideração essa sugestão de pesquisa e duas perguntas que podem ser feitas para direcionar a análise de dados linguísticos, relacionadas a entender qual a base gramatical portuguesa da vertente prestigiada do PB e a como ocorreu a dinâmica linguística do português no período colonial brasileiro.

Palavras-chave

Gramática Portuguesa. Brasil Colônia. Português Brasileiro. Constituição de *Corpus*. Português Colonial.

Abstract

This study aims to discuss the relevance of understanding the history of portuguese grammars in Colonial Brazil, to broaden the knowledge regarding the (multi)linguistic dynamics of Colonial Brazil and, consequently, the formation of Brazilian Portuguese (BP). Based on the research guidelines proposed by Mattos e Silva (2008) for the study of the formation of the prestigious side of BP, it is argued that the history of portuguese grammars in the brazilian colonial period should be paralleled by the history of portuguese grammars in Portugal, assuming that the results of this research tend to contribute to the history of both modern European Portuguese (PE) and BP. For the construction of the argument of the proposal, some socio-historical factors are presented (a portuguese *koinezation*, linguistic contact and the role of the portuguese language in the sociolinguistic processes that took place in Colonial Brazil), linguistic (a non-linearity of portuguese grammars during colonization) and philological (the need to take into consideration the historicity of written texts). Finally, some specificities for the constitution of the *corpus* that take into consideration this suggestion of research and are presented, and two possibilities of questions that can be asked to direct the analysis of linguistic data are mentioned: one is related to the understanding of the portuguese grammatical basis of BP and the other is related to understanding how the linguistic dynamics of Portuguese language occurred in the Colonial Brazil.

Keywords

Portuguese Grammar. Colonial Brazil. Brazilian Portuguese. Linguistic *Corpus*. Colonial Portuguese.

Introdução

A transição do multilinguismo generalizado ao multilinguismo localizado, somado ao desequilíbrio entre a quantidade de portugueses, africanos, indígenas e seus descendentes de um lado e, de outro lado, o prestígio social dos europeus e seus sucessores, são alguns elementos da sócio-história do Brasil Colônia apontados por Mattos e Silva (2004) como determinantes para a formação do português brasileiro (PB) em condição plural e heterogênea (Lucchesi, 1994). A compreensão do percurso dessa heterogeneidade foi também esboçada por Mattos e Silva (2008), que destacou algumas diretrizes necessárias ao “rastreamento histórico” de cada face do PB: para a compreensão da vertente prestigiada, o trabalho pela via documental, tradicional aos estudos em Linguística Histórica; para a compreensão da vertente estigmatizada socialmente, o trabalho “arqueológico”, enveredando-se pela história social do Brasil.

O objetivo deste trabalho é acrescer as discussões a respeito do rastreamento histórico da formação da vertente prestigiada do PB. Apresentarei alguns elementos que apontam para a necessidade de explorar a constituição dessa vertente tendo em vista não somente o surgimento de uma gramática brasileira, mas também a difusão e propagação do português no Brasil Colônia. Para isso, destaco a necessidade de um estudo filológico, linguístico e sócio-histórico sobre os portugueses que vieram ao Brasil, a ser feito em paralelo à história do português em Portugal, cujos resultados tendem a contribuir para a história tanto do português europeu moderno (PE) quanto do PB.

Para tanto, alguns pressupostos teóricos precisam ser sinteticamente apresentados: assume-se, neste texto, os princípios basilares da teoria gerativa aplicados ao estudo da mudança gramatical (Roberts, 2007; Kroch, 1994). Entende-se por “gramática” a competência que existe na mente de um indivíduo e que o possibilita a aquisição de uma língua, também chamada de Língua-I. A língua-I, nos termos de Chomsky (1986), se opõe à língua-E (dados externalizados e produzidos de uma língua). Ao estudar a mudança gramatical, objetiva-se, por meio de textos escritos, ou seja, por meio de dados da língua-E, identificar e analisar reflexos que possam, a partir de uma base teórico-metodológica, explicar a dinâmica de mudança ocorrida na língua-I. Essa mudança, por sua vez, é compreendida como um processo individual, que acontece na infância, durante a aquisição de língua, em que uma criança, por meio da exposição a dados linguísticos, compõe seu sistema gramatical interno de maneira diferente ao que foi composto pela geração anterior e que lhe disponibilizou os dados linguísticos (Lightfoot, 1991). Essa “alteração gramatical” acontece individualmente e, gradativamente, alcança uma comunidade linguística. Assume-se como “gramática” o resultado de padrões convergentes de gramáticas individuais, que temporalmente sofrem alterações, gerando as fases ou estágios gramaticais (ou, simplesmente, neste texto, gramáticas). Por fim, entende-se por “língua” uma unidade política e socialmente definida: os termos “língua portuguesa” ou “língua geral indígena”,

portanto, preservam uma diversidade sincrônica e diacrônica, na medida em que podem se referir a variedades sincrônicas (português brasileiro, português europeu etc.) ou a diversas fases gramaticais diacrônicas.

O artigo foi organizado da maneira seguinte. Na seção primeira, apresento algumas razões que justificam o interesse em uma história das fases gramaticais do português no Brasil Colônia. Essas razões estão envolvidas em questões sócio-históricas (relacionadas à dinâmica linguística e social da América Portuguesa), filológicas (relacionadas ao tratamento dos textos) e linguísticas (relacionadas à análise dos dados). Tendo justificado as necessidades para a condução dessa proposta de pesquisa, a segunda seção trata de alguns aspectos a serem considerados para a constituição de um *corpus* de documentos portugueses escritos no Brasil Colônia. A terceira seção, por sua vez, destina-se a abordar alguns tópicos de investigação linguística possíveis de serem analisados. A quarta seção exhibe as considerações finais.

Por que uma história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia?

O uso quase totalizante da língua portuguesa em território brasileiro no século XX camufla um extenso período multilíngue. No período colonial (sécs. XVI-XVIII), grande parte daqueles que chegavam à América Portuguesa passavam a dominar, ao menos, duas línguas: sua língua nativa (língua portuguesa, africana ou indígena) e a língua geral indígena, versão jesuítica da “língua brasílica”, considerada a língua indígena mais falada na costa brasileira (Mattos e Silva, 2004). Gradativamente, a língua geral indígena cedeu espaço para o português geral brasileiro, na medida em que os descendentes de autóctones e africanos adquiriram unicamente e de forma irregular uma gramática do português (Lucchesi, 1994). Desenha-se, portanto, um processo gradual de transição entre o multilinguismo e o monolinguismo no Brasil.

Além disso, o contexto socio-histórico do Brasil Colônia não apenas testemunha a coexistência de diversas línguas no mesmo território, mas também reflete o passar do tempo nos sistemas linguísticos em vigor: cada uma dessas línguas (no sentido político e social do termo, como “língua portuguesa” ou “língua geral indígena”) apresenta padrões gramaticais específicos conforme a época. Esses padrões gramaticais, em contextos monolíngues, emergem à medida que o tempo e outros fatores causam alterações, substituindo padrões antigos por novos, gerando assim novas fases gramaticais (efeitos do processo de mudança linguística). Isso resulta em distintas fases gramaticais ao se examinar uma língua específica, ou seja, diferentes gramáticas. Na América Portuguesa, o gradativo processo de monolinguismo, junto ao extenso período da colonização (aproximadamente três séculos) leva à existência de várias fases gramaticais entre as línguas envolvidas no processo de colonização, o que torna ainda mais complexa a sua investigação.

A realidade monolíngue, no entanto, não foi construída de maneira uniforme. A estratificação social, étnica e linguística existente na colônia culminou na formação de um português brasileiro linguisticamente partido em, ao menos, duas vertentes: a vertente gramatical prestigiada, que prevalece como norma linguística¹ de indivíduos da elite socioeconômica, e a vertente gramatical estigmatizada, comum àqueles que se associam a um contexto de baixa escolaridade e de condição econômica inferior (Lucchesi, 2018). As raízes dessa repartição, segundo o Lucchesi (2018), se encontram nos diferentes processos de aquisição do português: enquanto os europeus e seus descendentes adquiriram o português como língua materna, os descendentes de indígenas e africanos, ainda que adquirissem o português também como língua materna, o fizeram a partir do português imperfeito, aprendido de forma irregular, transmitido pelos seus congêneres que o aprenderam como língua segunda (Lucchesi; Baxter, 2009).

Acrescenta-se a essa situação linguística as distintas realidades sociais por que passaram os europeus, indígenas e africanos, que condicionaram o escasso acesso à escolarização. Embora a precariedade da leitura e da escrita seja uma constante generalizada a todo o Brasil Colônia (Houaiss, 1988), o envolvimento em atividades que envolvessem o ato de ler e escrever, principalmente aquelas ligadas à organização administrativa da colônia, era uma forma de ascensão social majoritariamente oportunizada aos europeus e seus descendentes. E, segundo Mattos e Silva (2004), em consequência disso, a reconstrução do passado de cada uma das vertentes – sendo realizada tradicionalmente a partir de textos escritos (Paixão de Sousa, 2006) – precisa ser realizada a partir de caminhos diferentes.

Para o resgate da história de formação da vertente prestigiada do português brasileiro, Mattos e Silva (2008, p. 17-19) apontou três diretivas. A primeira, considerada como uma “questão de base”, é a necessidade do conhecimento histórico sobre o português europeu situado entre os séculos XVI e XIX, constituído por distintas fases gramaticais ou gramáticas. A segunda diretiva é o estudo especificamente voltado à face prestigiada do PB, que deve ser realizado a partir da via “tradicional de pesquisa”, qual seja o “escrutínio das fontes documentais remanescentes, com base em um *corpus* diacrônico e seriado”. A maneira de observar os dados desse *corpus* corresponde à terceira diretiva, voltada à análise da documentação escrita por portugueses ou seus descendentes nascidos no Brasil para, nos textos, encontrar a gramática brasileira, presumivelmente visível antes do século XIX (Tarallo, 1996).

Já para a recuperação da formação da vertente estigmatizada, a autora sugere que o acesso raro à escolarização dos seus representantes demanda uma outra forma de estudo, que não o da via documental, construída por meio da análise gramatical de

¹ Entende-se “norma linguística” como a realização social e cultural de um sistema linguístico avaliado de forma positiva por uma comunidade de fala (Labov, 2008 [1972]).

dados linguísticos. Seu processo de reconstrução deverá ser “arqueológico”, a partir de evidências acidentais, apoiadas em um estudo baseado na história social do Brasil. Segundo Mattos e Silva (2004, p. 59), nesse trabalho, “o historiador da língua estará mais próximo do historiador *tout court*”.

Tratando-se especificamente da constituição da vertente prestigiada do PB, após duas décadas da publicação inicial das diretrizes propostas pela autora², os estudos até então realizados apresentaram importantes resultados. A história do português europeu (primeira diretiva), embora ainda não esteja concluída, já foi bastante deslindada, com análises linguísticas obtidas a partir da constituição de *corpora* sintaticamente anotados com uma grande extensão de dados e de séculos (a exemplo do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* e do *Word Order and Word Order Change in Western European Languages – WOChWEL*³), e com a constituição de diferentes propostas de periodização gramatical do PE⁴.

Houve, também, um grande avanço na constituição de *corpora* para o estudo do passado do PB (segunda diretiva). A execução de um projeto nacional – O Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB) – foi essencial para o avanço nessa diretriz, uma vez que o trabalho envolveu equipes de diversas regiões do país (Castilho, 2018), com o objetivo de compreender a história do português brasileiro a partir de três campos de investigação: o campo filológico (constituição de *corpora* diacrônicos), o campo gramatical (estudo das mudanças linguísticas) e o campo da história social linguística do Brasil (reconstrução ampla da sócio-história do PB). Desse modo, a comparação entre a história do PE e do PB foi amplamente realizada, de maneira a conseguir identificar as semelhanças e os contrastes entre essas línguas e, em seguida, ser possível entender a participação de línguas outras na consolidação do PB (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009).

Ademais, os estudos linguísticos realizados, sobretudo no campo morfossintático, envolvidos (ou não) com a comparação de dados entre o PB e PE, tiveram como principal objetivo a identificação de um padrão linguístico inovador, característico do PB, conforme Mattos e Silva (2008) antecipou em sua terceira diretiva. Embora ainda não se tenha indícios linguísticos suficientes para comprovar o surgimento do PB em período anterior ao século XIX, as condições históricas e linguísticas

² A publicação original do trabalho com as pautas de pesquisa data de 2002 (Lobo, 2015).

³ O *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* é um *corpus* eletrônico anotado, composto por mais de três milhões de palavras disponíveis para pesquisa livre, correspondentes a escrita de autores portugueses nascidos entre 1380 e 1978. Cf. <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>. O *Word Order and Word Order Change in Western European Languages (WOChWEL)* disponibiliza textos portugueses sintaticamente anotados produzidos entre os séculos XII e XVI. Cf. <http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel/oldtexts.html>.

⁴ Cf. Galves (2007) para uma apresentação panorâmica das propostas de periodização do português europeu.

para a consolidação dessa gramática inovadora passaram a ser mais bem delineadas, tendo em vista os importantes avanços obtidos por meio da análise linguística. Até então, tem sido intenso o estudo gramatical de documentos escritos por brasileiros e portugueses ambientados no Brasil, alcançando distintos estratos sociais – do mais abastado economicamente ao menos abastado; do mais escolarizado ao menos escolarizado – e distintas épocas de escrita – do século XVI ao século XX, incluindo dados escritos e orais⁵.

Nota-se, assim, que o estudo do português brasileiro se encontra em uma “idade de ouro” (Galves, 2020). O que se propõe, neste artigo, é destacar a importância de se compreender a história das fases gramaticais do português no Brasil Colônia, em caráter complementar ao interesse de identificar o surgimento da vertente prestigiada da gramática brasileira. Longe de destacar tal agenda como inovadora – tendo em vista os inúmeros trabalhos que já se debruçaram sobre a escrita de portugueses na colônia brasileira (Pagotto, 1992; Tarallo, 1996; Barbosa, 1999; Marcotulio, 2008 *inter alia*) – pondera-se, principalmente, a necessidade de entender a língua portuguesa não somente como um ancestral do português brasileiro ou como mais uma gramática de origem românica, mas também como um conjunto de gramáticas que participaram efetivamente do cenário linguístico colonial, com história e percurso próprios, que não podem ser confundidos ou tratados de maneira idêntica à história das gramáticas portuguesas no continente europeu.

Reúnem-se, a favor dessa ideia, justificativas que estão envolvidas nos três campos de pesquisa necessários ao estudo em Linguística Histórica, levantadas inicialmente pelo PHPB: o campo filológico, o campo sócio-histórico e o campo linguístico. As justificativas para um estudo sobre a história das gramáticas portuguesas no Brasil podem ser sintetizadas nos seguintes aspectos:

- *quanto a fatores sócio-históricos*: a hipótese da *koiné* portuguesa, desde o período da embarcação marítima, proposta por Silva Neto (1976); o contato linguístico existente no Brasil Colônia entre portugueses e demais grupos étnicos, caracterizando-se como um contexto inovador de aquisição e de uso da língua em relação à aquisição do português em Portugal; e a participação efetiva da(s) gramática(s) portuguesa(s) em todos os processos sociolinguísticos importantes da colonização (Lucchesi; Callou, 2020) ainda que em minoria populacional;

⁵ Não faço menção a trabalhos específicos pelo risco de esquecer algum estudo já realizado, em virtude da grande produção realizada nos últimos anos. No entanto, a produção bibliográfica presente em Kato e Roberts (2018) e em Galves, Kato e Roberts (2019) pode oferecer um panorama robusto da bibliografia existente, considerando as especificidades mencionadas.

- *quanto a fatores linguísticos*: a não linearidade das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia, em oposição aos processos de inovação e substituição de uma gramática portuguesa por outra ocorridos em Portugal.
- *quanto a fatores filológicos*: a necessidade de se constituir a história dos textos portugueses coloniais, atentando-se a questões relacionadas à motivação da produção escrita e, conseqüentemente, ao tipo de contato e avaliação dos escreventes a essas produções textuais, que são a fonte de estudos da Linguística Histórica.

Os primeiros fatores destacados à importância de um estudo da história de gramáticas portuguesas no Brasil Colônia estão associados à *sócio-história* por que passaram essas gramáticas na América Portuguesa, em virtude de ser um contexto bastante particular em comparação com a dinâmica do português tanto na Europa quanto em outros territórios colonizados por Portugal (Lucchesi, 2019). O primeiro critério sócio-histórico mencionado é a da proposta de *koineização* portuguesa. Conforme Silva Neto (1976) a imigração portuguesa para o Brasil foi intensa, contínua, gradativa e diversa, com migrantes de diversas regiões de Portugal.

Essa migração caracterizou uma variabilidade dialetal que, antes espalhada em distintas regiões portuguesas, passou a se condensar em um único lugar a partir das primeiras embarcações. Essa variabilidade, entretanto, segundo Silva Neto (1976), cedeu lugar para uma espécie de “nivelamento linguístico”, em que os comportamentos linguísticos mais salientes de variedades regionais do português foram sendo eliminados para favorecer a comunicação e a uniformização linguística. É por tais razões que já teria se constituído, nos dois primeiros séculos da colonização (Silva Neto, 1976, p. 29), uma *koiné* portuguesa. Essa hipótese é oriunda das particularidades de exploração do Brasil Colônia e só é possível de ser investigada por uma comparação entre dados linguísticos de portugueses no Brasil e dados linguísticos de portugueses situados em Portugal. É, portanto, a primeira justificativa apontada para a necessidade de um estudo histórico das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia.

O segundo fator sócio-histórico destacado é o contato linguístico. Embora a convivência entre línguas indígenas, línguas africanas e o português tenha sido mais relevante para a formação da vertente estigmatizada do PB (Mattos e Silva, 2004), não se nega a possibilidade de interferência desse contato para o uso das gramáticas portuguesas no Brasil. Relatos de Padre Vieira, escritos no século XVII, por exemplo, apontam para o intenso contato entre portugueses, indígenas e seus descendentes, ao menos na região paulista: “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua, que nas famílias se fala, é a dos índios, e a Portuguesa a vão os meninos aprender à escola” (Vieira, 1736, p. 161-162). Além disso, Freire (2003) destaca o relato do Padre Lopes Gama, que mencionou o contato entre filhos

de escravizados e portugueses: “lidando quase só com os escravos ali os meninos adquiriram linguagem viçosa e montesinha, e os mais grosseiros modos” (Gama, 1845 *apud* Freire, 2003, p. 134-135). Essas citações indicam a intensa convivência entre os portugueses e os demais grupos étnicos existentes no Brasil que, embora não necessariamente tenham afetado diretamente a aquisição de português dos europeus, pode ser determinante para algum tipo de intercorrência nos dados escritos.

A participação das gramáticas portuguesas nos processos sociolinguísticos relevantes para a formação do PB é o terceiro fator sócio-histórico mencionado. A demografia brasileira do período colonial sinaliza uma participação ínfima do português na composição social do Brasil, representando apenas 30% do total populacional da época (Mussa, 1991). Entretanto, conforme Lucchesi e Callou (2020), e a despeito dessa representatividade linguística mínima, são as gramáticas portuguesas as únicas que estiveram significativamente presentes nos três grandes cenários sociolinguísticos do Brasil Colônia: o início da colonização, com a presença do português e das línguas indígenas; a expansão dos engenhos de açúcar, com a presença do português e das línguas africanas; a descoberta das jazidas de ouro, havendo contato entre a gramática portuguesa e o português geral brasileiro. Considerando os dados demográficos apresentados anteriormente (Mussa, 1991), nos três cenários sociolinguísticos, foram os portugueses e seus descendentes os representantes da variedade linguística que manteve contato com as línguas gerais do período colonial brasileiro. Logo, entender a história do percurso dessas gramáticas é compreender o percurso histórico-linguístico que houve no Brasil Colônia.

O *fator linguístico* ressaltado para justificar a importância do estudo da história das gramáticas portuguesas no Brasil, por sua vez, se restringe ao âmbito sintático⁶ e diz respeito à não linearidade dessas gramáticas em território brasileiro. No percurso de formação do português europeu moderno, as mudanças na língua aconteciam pelo surgimento de novas gramáticas que se espalhavam pela comunidade linguística até chegar ao ponto de substituir completamente a gramática anterior (Galves; Brito; Paixão de Sousa, 2005). Os trabalhos que abordam a temática até então foram majoritariamente constituídos a partir da análise de fenômenos sintáticos e da teoria gerativa, embora existam trabalhos que se aprofundaram em outros níveis de análise (a exemplo de Carneira (2005)).

Assumindo o campo morfossintático e a concepção gerativista de mudança (Roberts, 2007), compreende-se que a alteração gramatical acontece de maneira individual e abrupta, durante o processo de aquisição de linguagem, que ocorre na infância (Lightfoot, 1991) com a modificação em alguma configuração linguística interna à mente (também denominada de língua-I) que se apresenta externamente

⁶ A opção pela restrição ao nível sintático da língua se refere à quantidade de pesquisas diacrônicas nesse campo de análise, o que não inviabiliza a argumentação e o trabalho em níveis outros, tais como o fonético-fonológico, morfológico, semântico etc.

por meio de dados superficiais, também chamados de língua-E. Desse modo, o padrão gramatical anterior é substituído por um comportamento inovador que se inicia de maneira individual e gradativamente alcança um grupo de falantes, havendo, no final do processo, o desaparecimento do padrão linguístico antes comumente disseminado. É com base nessa explicação que Galves (2007) expõe as fases gramaticais do português, havendo, ao menos, três estágios diferentes: o português antigo (sécs. XII e XIII), o português médio (sécs. XIV e XV), o português clássico (sécs. XVI e XVII) e o português europeu (a partir do século XVIII). Cada fase se inicia junto à decadência da gramática anterior.

No Brasil Colônia, entretanto, não é necessariamente plausível tratar o percurso das gramáticas portuguesas da mesma maneira. As motivações para o surgimento dessas gramáticas na América Portuguesa não são necessariamente linguísticas, ou seja, impulsionadas por mudanças gramaticais individuais; são, na verdade, provocadas pela migração gradativa e intensa de europeus em diferentes estágios temporais, conforme a necessidade da colônia e as vantagens econômicas promovidas para os colonizadores. Assim, à medida que uma nova gramática portuguesa surge no Brasil, não há necessariamente o desaparecimento progressivo da gramática portuguesa anterior. Essa convivência de gramáticas é única da realidade colonial e entender a sua dinâmica é essencial para entender o contexto multilíngue do período.

Por fim, o *fator filológico* destacado refere-se a elementos que precisam ser considerados para a constituição de *corpora*, etapa imprescindível à análise de dados do passado. Até então, as pesquisas linguísticas que realizaram a comparação entre dados históricos do PE e do PB, assim o fizeram majoritariamente a partir de textos de portugueses escritos em Portugal e de textos escritos no Brasil por indivíduos nascidos também no Brasil. Essa comparação foi realizada não só para contrastar a história do PE com a do PB, mas também para observar a diacronia de constituição do português brasileiro, como se os textos portugueses representassem, de alguma maneira, um eixo contínuo de constituição do PB: tendo em vista que a gramática portuguesa foi a gramática dos colonizadores e possivelmente de seus descendentes, torna-se interessante incluí-la como parte da diacronia de surgimento do PB.

Levando em consideração a discussão feita por Paixão de Sousa (2006) sobre as diferenças entre história e diacronia, entende-se que os *corpora* de língua portuguesa representativos dos séculos XVI, XVII e XVIII até então constituídos abrangem o estudo da diacronia do PB mas não são capazes de representar, em sua integridade, a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia. Conforme Paixão de Sousa (2006, p. 18-19), um texto escrito é “antes de tudo um objeto histórico (concreto, se quisermos), pois é produzido, recebido, preservado e investigado em circunstâncias historicamente construídas”. Assim, embora a história de Portugal e do Brasil estejam interligadas, principalmente no momento da colonização, tanto o contexto sócio-histórico quanto as motivações da produção escrita, o contato e a avaliação social dos textos produzidos são diferentes.

Sendo o texto escrito a fonte para os estudos linguísticos, entende-se que os *corpora* já constituídos e compostos por textos produzidos em Portugal são de grande valia para a compreensão da história do português brasileiro. Sozinhos, porém, não contemplam as especificidades provocadas pelo contexto multilíngue do período colonial. Além disso, assumindo a mudança a partir dos pressupostos teóricos da gramática gerativa que relaciona a mudança com a aquisição de língua, o ambiente linguístico em que são expostos os dados para a aquisição precisa ser levado em consideração. Uma vez que é por meio de dados externos (da língua-E) que a sintaxe diacrônica estuda a gramática interna (língua-I), o ambiente que gera a produção desses dados se torna significativo. E, sendo produzidos em contextos sociais diferentes, passa-se a ser necessário contextualizar e separar os textos escritos em Portugal dos textos escritos no Brasil, ainda que sejam produzidos por portugueses, a fim de compreender se (e como) o contexto (multi)linguístico brasileiro interfere na produção de dados escritos. Desse modo, entende-se ser possível separar, nos dados, o que é externo à gramática do que é interno a ela e que representa a verdadeira mudança gramatical: dados supostamente diferentes do padrão encontrado na história do português europeu podem ser relacionados, por exemplo, ao contato linguístico e não necessariamente representam uma mudança gramatical em termos de gramática internalizada.

Isto posto, espera-se ter justificado a demanda de um estudo que se concentre em entender a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia. É importante salientar que o estudo de fases gramaticais do português por meio de textos escritos no Brasil não é novo; muitos trabalhos já foram realizados nessas condições (*cf.* nota de rodapé 4). O que aqui se propõe é que essa frente de estudo não seja análoga a uma comparação entre dados da história da PE e do PB. Atento-me ao fato de que, ao considerar a historicidade dos textos portugueses escritos no Brasil, alargam-se as possibilidades de análise linguística e/ou comparativa e dos ângulos possíveis de compreensão da história do português em, ao menos, três alternativas:

1. um estudo comparativo entre dados presentes em textos de *portugueses* escritos em *Portugal* e dados presentes em textos escritos por *brasileiros* produzidos no *Brasil*, a fim de compreender a evolução diacrônica do português brasileiro, tratando as gramáticas portuguesas como um *input* de aquisição do português por representantes da vertente prestigiada do PB;
2. um estudo comparativo entre dados presentes em textos escritos por *portugueses no Brasil* e dados presentes em textos de *brasileiros* escritos também no *Brasil*, com o objetivo principal de entender a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia, assumindo-as como mais um conjunto de gramáticas que fez parte do cenário multilíngue colonial brasileiro.
3. um estudo comparativo entre dados presentes em textos escritos por *portugueses no Brasil* e dados presentes em textos escritos por *portugueses em Portugal*,

reconhecendo a existência de diferenças (linguística, histórica, social) em relação ao percurso gramatical em cada território e buscando compreendê-las.

Nota-se, portanto, que reconhecer a importância de um estudo sobre a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia leva à indispensabilidade de um *corpus* voltado para tal objetivo. Para a constituição desse *corpus*, algumas especificidades são impostas, sobretudo na escolha e no tratamento dos dados relativos ao escrevente e ao período de escrita, questões propostas por Petrucci (2003) no método de uma paleografia “renovada”. Essas especificidades são apresentadas na seção seguinte.

Especificidades da constituição de um corpus para a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia

A constituição de *corpus* para um estudo diacrônico é um desafio constante, uma vez que sempre corresponderá a uma aproximação da realidade linguística do período (Lobo; Carneiro, 2018). O desafio se amplia ao se tratar da organização de materiais escritos que vise à história das gramáticas portuguesas no Brasil, pois a multiplicidade de realidades sócio-históricas na colônia é refletida nos textos escritos, sendo necessário um refinamento metodológico, que amplie a visão do *corpus* para atender a questões filológicas, sócio-históricas e linguísticas.

A experiência metodológica de constituição de *corpora* do PHPB, voltada principalmente ao estudo do português nos séculos XIX e XX, possibilitou a sistematização de procedimentos gerais e necessários à execução dessa tarefa independentemente do período que se pretende estudar. Tais procedimentos estão expostos no Quadro 1.

Quadro 1. Procedimentos metodológicos para constituição de corpora.

1. delimitar as questões específicas relacionadas ao seu objeto de investigação;
2. ajustar os critérios de busca de materiais em função das questões teóricas previamente levantadas;
3. refinar a busca em relação ao conhecimento sobre o tema linguístico em análise antes e durante a visita do acervo;
4. realizar buscas digitais e presenciais nos diversos acervos;
5. selecionar os textos que constituirão o *corpus*, considerando a relevância (histórica, cultural, linguística) e a qualidade do material para os fins desejados;
6. localizar informações relevantes à pesquisa (não só relacionadas à identificação, mas também voltadas ao levantamento da ficha biográfica/social do escrevente do texto em análise);
7. editar os textos do *corpus* conservadoramente e, se for o caso, intervir o texto de forma controlada;
8. utilizar os conhecimentos adquiridos no acervo para interpretar os dados linguísticos.

Fonte: Lima, Marcotulio e Rumeu (2019, p. 90), com adaptações.

Os passos levantados por Lima, Marcotulio e Rumeu (2019) constituem como um caminho metodológico essencial para constituição de *corpora* diversos, incluindo um *corpus* do período colonial, uma vez que são critérios que atendem a exigências filológicas, sócio-históricas e linguísticas.

A respeito do sexto passo, *i.e.*, da localização de informações relevantes da pesquisa, foi também através da experiência metodológica do PHPB que se construiu uma direção quanto às informações que precisam ser coletadas e que podem ser aplicadas à constituição de *corpus* do período colonial. Segundo Mattos e Silva (2002, p. 22), a complexidade linguística existente no Brasil Colônia faz com que haja uma necessidade de investigação de quatro fatores: o estrato social dos indivíduos; a sua nacionalidade; o tipo de aquisição do português; o nível de acesso à escolarização. Lobo e Carneiro (2019) destacaram a observação desses quatro fatores em algumas teses de doutoramento, concentradas no século XIX e produzidas no âmbito do PHPB (Lobo, 2001; Carneiro, 2005; Oliveira, 2006), mostrando ser esse um caminho profícuo para uma investigação de textos representativos do Brasil Colônia.

Levando em consideração esses fatores, mas observando, também o objetivo de conhecer a história das gramáticas portuguesas na América Portuguesa, destacamos a relevância do levantamento de informações outras, ligadas ao percurso sociolinguístico e socioeconômico brasileiro, que conduziram a difusão do português. Essas informações, a serem consideradas para a composição de um *corpus* colonial foram agregadas aos fatores propostos por Mattos e Silva (2002) e estão expostas no Quadro 2.

Quadro 2. Informações relevantes à constituição de *corpora* de textos portugueses produzidos durante o período colonial brasileiro⁷.

1. a data, ainda que aproximada, de nascimento dos portugueses que desembarcaram no Brasil, considerando as distintas fases gramaticais do português existentes em Portugal (Galves, 2007);
2. o local e a forma de acesso à escolarização, em Portugal e/ou no Brasil;
3. o período temporal de chegada ao Brasil, a fim de compreender qual gramática portuguesa pode ser identificada nos escritos de cada indivíduo;
4. a convivência, maior ou menor, com indivíduos de etnias diferentes, presumindo que a força desse contato variou conforme o estrato social do escrevente em análise (Lucchesi, 1994);
5. a predominância em zonas costeiras ou interioranas do Brasil Colônia, a fim de vislumbrar o panorama da dinâmica de gramáticas portuguesas no território brasileiro.

Fonte: autoria própria.

⁷ O encontro de tais dados, apesar de essencial, não é tarefa fácil. Para a realização dessa etapa de trabalho, é necessário dispor de conhecimentos de áreas distintas, como Paleografia, Historiografia, Filologia, Diplomática e Arquivística. Tais conhecimentos devem ser colocados à disposição do trabalho de constituição de *corpus* voltado ao estudo da mudança gramatical que leve em consideração tais aspectos na análise linguística. Está em fase de constituição o a explicitação do percurso metodológico para o encontro de tais informações. Uma parte do processo foi brevemente explicitada em Cardoso, Carneiro, Lacerda (2021), no que diz respeito à constituição de *corpus* de indivíduos nascidos no Brasil Colônia.

O primeiro aspecto se refere à data de nascimento dos portugueses que imigraram para o Brasil. Embora não seja uma informação fácil, sendo mais acessível apenas àqueles que representaram importante papel político ou administrativo na colônia, sua identificação é essencial quando os dados linguísticos são compreendidos em termos de língua-I (*cf.* seção 1). Uma vez que, para a gramática gerativa, a mudança linguística ocorre ainda na infância, durante o processo de aquisição de língua (Lightfoot, 1991), os textos refletem uma gramática adquirida décadas antes.

A escolarização se constitui o segundo fator a ser buscado para o levantamento de informações relevantes a um *corpus* colonial e foi destacado inicialmente por Mattos e Silva (2002, 2004). Com a taxa baixa de escolarizados no Brasil Colônia, não alcançando 1% da população total (Houaiss, 1988), é de grande importância a localização desse dado para uma análise da composição linguística dos textos escritos. O raro acesso a escolas que ensinavam o português era acometido principalmente para os indivíduos não brancos, mas não deixa de ser significativo para os portugueses, que possuíam distintos níveis socioeconômicos, contribuindo para diferentes níveis de acesso à escolarização. Além disso, a escolarização realizada em Portugal (situação comum aos indivíduos brancos nascidos no Brasil pertencentes à elite colonial) tende a ser permeada por processos sócio-históricos que não contemplam a realidade do Brasil Colônia, mesmo para os indivíduos que aprenderam o português como língua materna, sendo, portanto, uma informação relevante para a composição de um *corpus* do período colonial.

O terceiro aspecto corresponde à datação do período de chegada dos portugueses ao Brasil. Embora não seja, também, uma informação fácil de ser resgatada, esse tipo de dado contribui para construir a cronologia das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia. Em razão de não haver, na América Portuguesa, um processo de desaparecimento de uma gramática portuguesa à medida que outra gramática surge (*cf.* seção 1), é importante o mapeamento de quantas e quais gramáticas portuguesas estavam em uso no Brasil em um mesmo momento. Saber tal informação agrega o reconhecimento do *input* gramatical dos descendentes de portugueses, que, para além do contato com línguas africanas, indígenas e gerais, ainda podem ter tido acesso a mais de uma gramática portuguesa durante seu processo de aquisição de língua.

O quarto aspecto — a convivência maior ou menor com indivíduos de etnias diferentes — e o quinto aspecto — a predominância de portugueses em zonas costeiras ou interioranas — se associam à difusão do português no Brasil. Uma vez que, na costa colonial, há uma predominância de atividades administrativas, espera-se que os portugueses tenham se concentrado nessa região. Entretanto, em virtude do interesse econômico, principalmente relacionado à construção e à manutenção de engenhos de açúcar, não é improvável que um conjunto de portugueses vivesse e circulasse no interior da colônia, junto a suas famílias. Segundo Holanda (1995), os portugueses de alto padrão econômico que não estavam diretamente ligados a funções administrativas — realizadas na costa — moravam em suas terras dedicadas

à lavoura e o fluxo para os centros urbanos era limitado a festejos e a cerimônias religiosas. Machado (1972, p. 40-41) reafirma tal posição, ao confirmar que “na cidade o fazendeiro tem apenas a sua casa para descansar alguns dias, liquidar um ou outro negócio, assistir às festas religiosas. Um pouco. Nada mais”. Assim, passa a ser relevante o levantamento do fluxo territorial dos portugueses, a fim de entender qual gramática portuguesa teve mais possibilidade de se espalhar pela costa e/ou pelo interior da colônia, contribuindo para a constituição da vertente prestigiada do português brasileiro.

Vê-se, portanto, que o cenário linguístico colonial impõe à pesquisa com dados linguísticos que demandam a constituição de *corpora* um trabalho minucioso no escrutínio das fontes. Para além de encontrar manuscritos ou a nacionalidade do escrevente, informações outras, associadas à data de nascimento e de chegada no Brasil Colônia, ao processo de aquisição do português, ao nível de contato linguístico e à escolarização precisam ser mapeadas a fim de uma análise de dados mais precisa, que condiga com a vertente do português colonial representativa do escrevente em análise.

Logo, o estabelecimento da importância da história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia junto à constituição de um *corpus* motivado por questões linguísticas e sócio-históricas relevantes, como mencionado nas seções anteriores, permite a delimitação de um ponto partida sólido para a análise de dados gramaticais. Ao trabalhar com um *corpus* formado textos de portugueses no Brasil, no entanto, outras questões, para além do surgimento da gramática brasileira, podem e devem orientar a interpretação dos dados, contribuindo para uma ampla compreensão do que se constituiu o cenário multilíngue da colonização brasileira. Alguns tópicos de investigação possíveis de serem analisados são apresentados na seção seguinte.

A natureza dos dados gramaticais de portugueses no Brasil Colônia: perspectivas de análise

A análise de dados escritos por portugueses no Brasil Colônia permite a compreensão de outras propriedades da língua portuguesa para além do surgimento do português europeu moderno – pergunta central da análise linguística de textos portugueses escritos em Portugal – e do surgimento do português brasileiro contemporâneo – pergunta-chave da análise linguística de textos escritos por brasileiros. Consolida-se, a partir desse ângulo de pesquisa, mais uma maneira de compreender a relação histórica entre essas gramáticas e mais uma forma de entender o cenário linguístico colonial do Brasil. Embora as possibilidades de pesquisa sejam diversas, enumero aqui ao menos duas perguntas interessantes para serem respondidas: a) qual gramática portuguesa se constituiu como a principal base linguística da vertente prestigiada no PB? b) qual foi a dinâmica das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia?

A primeira possibilidade de pergunta⁸ – qual gramática portuguesa se constituiu como a base linguística da vertente prestigiada do PB? – está relacionada, de forma ampla, à compreensão de quais línguas, entre as centenas que coexistiram no Brasil Colônia, atuaram significativamente na formação do português brasileiro. Apesar de essa questão já ter sido objeto de investigações (Ribeiro, 2015; Galves, 2007; Moraes de Castilho, 2013; Naro; Scherre, 2007 *inter alia*), ainda não há uma resposta consensual. Em geral, há duas propostas sobre qual gramática do português teria sido uma das bases linguísticas para composição do PB durante o período colonial, defendidas com base em alguns fatores sócio-históricos e em determinados fenômenos linguísticos, dos campos morfológico, fonológico e sintático:

- i. o português médio (PM, datado entre 1385-1499), e, mais especificamente, o português quatrocentista;
- ii. o português clássico (PCL, datado entre 1500-1699).

Os fatores sócio-históricos se relacionam à movimentação de portugueses no Brasil Colônia. Os defensores da primeira proposta – a gramática portuguesa que chegou ao Brasil foi o português médio – consideram como relevante a primeira leva de imigrantes portugueses, que desembarcaram em solo brasileiro no início do século XVI. Segundo Moraes de Castilho (2001, p. 58), a gramática quinhentista ainda estava por se formar quando o Brasil foi invadido pelos portugueses, em meados de 1500; a “língua das caravelas”, portanto, só pode ter sido a gramática quatrocentista. Já os pesquisadores que assumem a segunda proposta consideram como relevante a chegada gradativa de portugueses ao longo dos três séculos do Brasil Colônia, tendo números mais expressivos no século XVII (Silva Neto, 1976, p. 73).

Os fatores linguísticos utilizados para a defesa de ambas as hipóteses se baseiam, em geral, no encontro de dados, em textos portugueses antigos, semelhantes a características gramaticais do PB contemporâneo. Os estudiosos que defendem a primeira proposta, de que o português médio foi preponderante durante o Brasil Colônia (Cohen, 1997; Cunha, 1976; Elia, 1979; Melo, 1971; Silva Neto, 1976), se baseiam em alguns fenômenos fonético-fonológicos e lexicais encontrados em textos portugueses antigos e em textos do português brasileiro, especificamente de sua vertente não prestigiada. Silva Neto (1976, p. 142) ainda estende a hipótese arcaica à vertente prestigiada do PB, ressaltando a chegada de uma grande leva de portugueses, a partir do século XVI, oriundos de áreas “arcaicizadas”, como as áreas de Entre Douro e Minho, Madeira, Açores e Trás-os-Montes.

Entre os fenômenos fonético-fonológicos mencionados, estão o ensurdecimento do *-r* final, a “prosódia brasileira” e a redução do grupo intervocálico *-nd-* a *-n-* nos

⁸ Esta pergunta foi mais bem discutida e aprofundada em Cardoso (2020).

gerúndios (Melo, 1971, p. 57; Silva Neto, 1976, p. 141). Entre os fenômenos relacionados ao léxico, destacam-se variantes como *despois* e *agardecer* (Silva Neto, 1976, p. 180), encontradas em textos representativos do português médio e em dados de fala da vertente estigmatizada do PB, e a permanência do sentido arcaico de determinados vocábulos, em oposição ao significado aplicado no português europeu moderno, como *reinar*, no sentido de fazer travessuras, e *aéreo*, no sentido de perplexo, usados em determinadas regiões brasileiras (Silva Neto, 1976, p. 175).

Os fenômenos sintáticos listados são raros, priorizando-se a impessoalização do verbo *ter* (Melo, 1971, p. 61) e a posposição dos pronomes possessivos e demonstrativos (Melo, 1971, p. 86). São Moraes de Castilho (2001, 2013) e Naro e Scherre (2007) quem apresenta uma maior robustez de dados sintáticos para a defesa dessa hipótese. Os fenômenos citados por Moraes de Castilho (2013) são as construções de tópico, o redobramento sintático e o dequeísmo, frequentes em textos portugueses quatrocentistas e que, segundo a autora, teriam gerado construções brasileiras, como a opção pelo gerúndio em vez do verbo no infinitivo (Moraes de Castilho, 2013). Já Naro e Scherre (2007) apresentam alguns dados de concordância verbal, concordância nominal e de preenchimento do sujeito pronominal, que possuem comportamento semelhante ao padrão encontrado no PB, mas estão presentes em textos do português médio que, segundo os autores, chegaram ao Brasil com os portugueses do primeiro século da colonização.

A proposta segunda – o PB teve como base o português clássico – é apresentada inicialmente por Houaiss (1988, p. 32), que destacou o período seiscentista e setecentista como o “estado inicial comum aos territórios de Portugal e do Brasil”, por Ribeiro (2015). Para isso, o autor tratou como elemento-chave a migração contínua de portugueses durante todo o período colonial. A mesma hipótese é mencionada por Pagotto (1992) e Carneiro e Galves (2010), que, ao estudarem o fenômeno da colocação de pronomes clíticos, confirmam essa hipótese.

A delimitação da principal gramática portuguesa que chegou ao Brasil Colônia é essencial para uma caracterização efetiva da natureza histórica da vertente prestigiada do português brasileiro (Mattos e Silva, 2004). Apesar de ser essa uma questão antiga, a falta de definição quanto a sua resposta impede a compreensão do panorama linguístico que levou à constituição do PB. Um *corpus* formado por escritos de portugueses no Brasil e uma análise linguística realizada com tal material pode contribuir significativamente para a constituição de uma resposta precisa a esse questionamento, na medida em que oferecerá o rastreamento de qual gramática portuguesa efetivamente aparece em textos escritos por portugueses desde o século XVI no Brasil.

A segunda possibilidade de pergunta – qual foi a dinâmica das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia? – se refere à disseminação das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia. Assumindo que essas gramáticas não estão necessariamente em processo de substituição, torna-se essencial compreender por quanto tempo tais

gramáticas foram significativas no cenário linguístico do Brasil Colônia e se houve ou não uma competição. O conceito de competição é aqui exposto com base nos estudos em sintaxe diacrônica balizados pela gramática gerativa (Kroch, 1994). Nessa perspectiva, os dados presentes em textos escritos representam a língua-E e correspondem, superficialmente, aos dados da gramática internalizada, a língua-I. Quando a mudança gramatical ocorre, a partir de uma gramática individual, ela se espalha aos poucos no grupo de falantes. Assim, há um período de coexistência entre a gramática inovadora e a gramática conservadora, que pode se refletir nos dados escritos em virtude da pressão social pela manutenção de padrões conservadores.

Pagotto (1992) e Carneiro (2005), ao analisarem textos escritos por brasileiros com grau alto de escolarização produzidos no século XIX, encontram três gramáticas em competição: o português brasileiro, o português clássico e o português europeu moderno. A presença de dados da gramática do PE, entretanto, está associada à constituição de um ideal de norma linguística presente no período oitocentista (Pagotto, 1999). Assim, há, nesse período, duas motivações distintas para a ocorrência de uma competição de gramática: o fator interno à língua, ocasionado pela mudança gramatical, e o fator externo à língua, provocado pela pressão social do uso linguístico.

Como visto anteriormente, espera-se que, no Brasil Colônia, haja momentos em que as gramáticas portuguesas convivam simultaneamente, em uma espécie de competição, não necessariamente atreladas a fatores relacionados à mudança interna da língua. É importante, portanto, saber quando (e se) essa competição surge e quais gramáticas estão envolvidas. Além disso, um interessante aspecto a ser investigado é se há reflexos, nos textos de portugueses, dessa competição, *i.e.*, se a pressão da norma, presente no século XIX, que fez com que o comportamento linguístico do português europeu moderno aparecesse na escrita brasileira, tem influência também sobre a escrita portuguesa e em século anterior, uma vez que o PE surge em Portugal a partir dos anos setecentistas (Galves, 2007).

Considerações finais

Compreender a constituição do português brasileiro, mesmo que se concentrando exclusivamente na formação de sua vertente prestigiada, demanda um complexo trabalho de contextualização sócio-histórica, composição de *corpora* e análise de dados. O cenário multilíngue existente durante todo o período colonial e o intenso contato linguístico são fatores complicadores a essa investigação, que envolve o (re) conhecimento do(s) percurso(s) linguístico(s) de cada etnia que fez parte do processo de formação do português brasileiro.

Neste artigo, procurei ressaltar a importância de um estudo sobre a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia para a (re)constituição da vertente prestigiada do PB. Apresentei alguns fatores filológicos, sócio-históricos e linguísticos que realçam as vantagens de tratar a história das gramáticas portuguesas em Portugal e a história

das gramáticas portuguesas no Brasil como histórias diferentes, ocorridas em paralelo: a investigação separada de cada uma propicia ângulos distintos de comparação e compreensão da formação da vertente prestigiada do português brasileiro.

Assumindo esse pressuposto, há a necessidade de uma constituição de *corpus* que dê conta de resgatar a história das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia. Sendo assim, discuti alguns elementos relevantes a serem considerados para a formação desse *corpus*. Alguns elementos são gerais, associados a qualquer constituição de *corpora* (Lima; Marcotulio; Rumeu, 2019; Matos e Silva, 2002); outros são específicos para o estudo da escrita portuguesa no período colonial, como a data de chegada do escrevente à América Portuguesa, o local de escolarização, a movimentação social entre costa e/ou interior do território colonial etc.

Por fim, devido à particularidade do *corpus* a ser formado, perguntas específicas podem ser respondidas com base nos dados coletados. Diferentemente da tentativa de encontrar a gramática brasileira nos textos, a análise gramatical dos textos de portugueses no Brasil pode contribuir para responder questões outras, como qual foi a gramática portuguesa indispensável à formação da vertente prestigiada do PB e qual foi o processo de dinamização linguística das gramáticas portuguesas no Brasil Colônia. Essas perguntas foram desenvolvidas na seção 3, em que as contextualizo com base em trabalhos anteriores e apresento as vantagens de investigar tais questionamentos a partir de um *corpus* formado por textos escritos por portugueses no Brasil Colônia.

Longe de estabelecer direções rigorosas ou assertivas, a proposta desenvolvida ao longo deste trabalho é uma sugestão de desdobramento e alargamento da pauta de pesquisa proposta por Mattos e Silva (2004) para o estudo da vertente prestigiada do PB. Espera-se, assim, que mais discussões aprimorem e (re)configurem tal sugestão e que, colocada em prática, contribua significativamente para entender a história do português brasileiro.

Referências

BARBOSA, A. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CARDEIRA, E. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

CARDOSO, L. *A gramática dos pronomes clíticos no Brasil Colônia: o português clássico na história do português brasileiro*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Lara-Cardoso-3>. Acesso em: 09 ago. 2023.

CARNEIRO, Z. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1603052>. Acesso em: 24 fev. 2020.

- CARNEIRO, Z.; GALVES, C. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 18, n. 2, p. 7-38, jul./dez. 2010.
- CARDOSO, L.; CARNEIRO, Z.; LACERDA, M.F. Para um estudo da formação do português brasileiro: descrição, representatividade e potencialidades do *corpus* colonial do CE-DOHS. *LaborHistórico*, v.7, n. 1, p. 330-355, 2021.
- CASTILHO, A. Linguística Histórica e a história do português brasileiro. In: CASTILHO, A. (org.). *História do português brasileiro: o português brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 18-51.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- COHEN, M. Filologia Bandeirante. *Filologia e Linguística portuguesa*, v. 1, n. 1, p. 79-94, jan./dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 20 out. 2022.
- CUNHA, C. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976. [1968].
- ELIA, S. *A unidade linguística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- FREIRE, G. *Casa-grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2003.
- GALVES, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, A. *et al* (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/34678/mod_resource/content/1/GALVES_ALinguaDasCaravelas.pdf. Acesso em: 24 fev. 2020.
- GALVES, C. Mudança sintática no português brasileiro. *Cuadernos de La Alfal*, n. 12, p. 17-43, 2020. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_003.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.
- GALVES, C.; BRITTO, H.; SOUSA, M. C. P. The change in clitic-placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe *Corpus*. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n. 1, p. 39-67, dez. 2005. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/articles/abstract/10.5334/jpl.166/>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (org.). *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOUAISS, A. *O Português no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Unibrade, 1988 [1985].
- KATO, M.; ROBERTS, I. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018.
- KROCH, A. Morpho-syntactic variation. In: BEALS, Kenneth *et al.* (org.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation e Linguistic Theory*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1994. v. 2, p. 180-201. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~kroch/papers/morphosyntax.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

- LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: Arguments from language change*. Cambridge: MIT Press, 1991.
- LIMA, A; MARCOTULIO, L.; RUMEU, M. Experiências metodológicas em constituição de corpora: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, A. (org.). *História do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 68-91.
- LOBO, T. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. 2001. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LOBO, T. Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil. *Estudos de linguística galega*, v. 7, p. 69-82, 2015.
- LOBO, T.; CARNEIRO, Z. Reflexões sobre a constituição e análise de corpora linguísticos históricos e sobre a identificação de perfis sociais de redatores do passado. In: CASTILHO, A. (org.). *História do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 290-312.
- LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v. 12, p. 17-28, 1994.
- LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 17, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39812>. Acesso em: 31 out. 2022.
- LUCCHESI, D. Por que a crioulização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. *Gragoatá*, v. 24, n. 48, p. 227-255, 2019.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-024.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LUCCHESI, D.; CALLOU, D. Os cenários sociolinguísticos do Brasil Colonial. In: CALLOU, D.; LOBO, T. (org.). *História social do português brasileiro: da história social à história linguística*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 156-181.
- MACHADO, A. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Martins, 1972.
- MARCOTULIO, L. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. 2008. Mestrado em Linguística – Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MATTOS E SILVA, R. V. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de corpora para o projeto Para a história do português brasileiro. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (org.). *Para a história do português brasileiro: Notícias de corpora e outros estudos*. v. 4. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002. p. 17-28.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

- MATTOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestão para uma pauta de pesquisa. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 34, p. 11-30, 2008.
- MELO, G. *A Língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971 [1946].
- MORAES DE CASTILHO, C. Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 57-89.
- MORAES DE CASTILHO, C. *Fundamentos sintáticos do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MUSSA, A. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- NARO, A.; SCHERRE, M. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.
- OLIVEIRA, K. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- PAGOTTO, E. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/46498>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- PAGOTTO, E. Norma e Condescendência: Ciência e Pureza. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 2, n. 1, p. 49-68, jul./dez. 1999. Disponível em: <https://uab.ufsc.br/>. Acesso em: 30 out. 2022.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, C.; NUNES, J. H. (org.). *Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, v. 3. p. 11-48. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4468844/mod_resource/content/1/PAIXAOdeSOUSA_LinguisticaHistorica.pdf. Acesso em: 24 fev. 2020.
- PETRUCCI, A. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.
- RIBEIRO, I. A mudança sintática do português brasileiro é mudança em relação a que gramática? In: FIGUEIREDO, Cristina; ARAÚJO, Edivalda (org.). *Diálogos com Ribeiro: sobre gramática e história da língua portuguesa*. Salvador: Edufba, 2015. p. 41-59.
- ROBERTS, I. *Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 69-105.
- VIEIRA, A. *Vozes Saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, [...]*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1736.